



LGBTfobia e futebol: uma revisão narrativa de produções científicas brasileiras

LGBTphobia and soccer: a narrative review study of brazilian scientific productions

LGBTfobia y fútbol: una revisión narrativa de producciones científicas brasileñas

Daniel de Jesus Torres 

Universidade do Estado da Bahia, Guanambi, Bahia, Brasil. dj97torres@gmail.com 

Ana Gabriela Alves Medeiros 

Universidade do Estado da Bahia, Guanambi, Bahia, Brasil. gabimedeiros@gmail.com 

10.31668/praxia.v6i0.14726 

Resumo: O presente estudo visa mapear e analisar as produções científicas publicadas em periódicos brasileiros que tematizam a LGBTfobia no futebol. Para tanto, foi desenvolvida uma revisão narrativa, com caráter descritivo e abordagem qualitativa. A partir de uma busca na base de dados do Portal de Periódicos da Capes foram selecionados dez artigos para compor o nosso corpus de análise. Os trabalhos analisados evidenciaram que as discussões sobre a temática tangenciam três aspectos: as torcidas livres e queer, cis-heteronorma masculina e as experiências de pessoas LGBTQIAPN+ no futebol. Por fim, pondera-se que tornar o futebol mais inclusivo para pessoas LGBTQIAPN+ envolve uma abordagem abrangente que comporte diferentes aspectos do esporte, da cultura do futebol e da própria infraestrutura esportiva.

Abstract: The present study aims to map and analyze scientific productions published in Brazilian journals that focus on LGBTphobia in soccer. To this end, a narrative review was developed, with a descriptive character and a qualitative approach. From a search in the Capes Periodicals Portal database, ten articles were selected to compose our analysis corpus. The works analyzed showed that discussions on the topic touch on three aspects: free and queer fans, male cis-heteronormativity and the experiences of LGBTQIAPN+ people in soccer. Finally, it is considered that making football more inclusive for LGBTQIAPN+ people involves a comprehensive approach that addresses different aspects of the sport, football culture and the sporting infrastructure itself.

Resumen: El presente estudio tiene como objetivo mapear y analizar producciones científicas publicadas en revistas brasileñas que abordan la LGBTfobia en el fútbol. Para ello se desarrolló una revisión narrativa, de carácter descriptivo y de enfoque cualitativo. A partir de una búsqueda en la base de datos del Portal de Revistas Periodísticas de la Capes, se seleccionaron diez artículos para componer nuestro corpus de análisis. Los trabajos analizados mostraron que las discusiones sobre el tema tocan tres aspectos: los aficionados libres y queer, la ciheteronormatividad masculina y las experiencias de las personas LGBTQIAPN+ en el fútbol. Finalmente, se considera que hacer que el fútbol sea más inclusivo para las personas LGBTQIAPN+ implica un enfoque integral que aborde diferentes aspectos del deporte, la cultura del fútbol y la propia infraestructura deportiva.

Palavras-chave:

Homofobia.
Esporte.
Torcida.
Futebol.

Keywords:

Homophobia.
Sport.
Organized fans.
Soccer.

Palabras clave:

Homofobia.
Deporte.
Hinchas.
Fútbol.

Introdução

O futebol, esporte mais proeminente e reverenciado no cenário esportivo brasileiro, transcende sua definição meramente esportiva para se tornar um fenômeno multifacetado que se entrelaça com as complexas dinâmicas culturais, históricas, socioeconômicas, midiáticas e políticas da sociedade. Contudo, este esporte opera em um intrincado sistema de pertencimento, relegando à margem aqueles que não se conformam à normatização e representações a ele vinculadas.

A despeito da crescente representatividade da modalidade e sua importância como um dos pilares da cultura nacional, o futebol brasileiro permanece permeado por uma histórica e persistente hostilidade em torno de sexualidades, expressões e identidades de gênero divergentes da cisgeneridade (identificação com o gênero correspondente ao sexo atribuído no nascimento) e da homossexualidade (atração pelo sexo oposto).

Sabe-se que no campo esportivo, modalidades que exigem força, explosão muscular e/ou que tenham contato físico exacerbado tendem a ser percebidas como exclusivamente masculinas, sendo o futebol um dos maiores exemplos desse quadro (Damo, 2002). Em um país marcado por uma herança de opressões e patriarcado, a LGBTfobia¹ encontrou solo fértil para florescer no âmbito esportivo.

A resistência a essa repressão e exclusão no futebol se materializou com o surgimento de grupos como a Coligay e Fla-Gay a partir do final dos anos 1970 (Pinto; Almeida, 2014). Essas torcidas representaram manifestações notáveis de resistência e autoafirmação, desafiando os estereótipos tradicionais e preconceitos arraigados em relação à comunidade LGBTQIAPN+ no cenário de ditadura militar. No entanto, uma característica distintiva dos agrupamentos envolvendo pessoas não heterocisnormativas da época era a falta de coesão, onde as divergências de posicionamentos, sobretudo entre gays, lésbicas e transexuais, frequentemente levavam à fragmentação e ao descrédito (Facchini; França, 2009).

Somente a partir da década de 1990, testemunhou-se uma maior coesão e colaboração entre esses diversos grupos, à medida que surgiram siglas progressivamente mais abrangentes, como “MGL” (Movimento de Gays e Lésbicas), sucedida por “GLT” (Gays, Lésbicas e Travestis) e “LGBT” (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros) (Facchini, França, 2009). Recentemente, a sigla que representa a diversidade de gêneros e orientações sexuais é a “LGBTQIAPN+” (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros, *Queer*, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não Binários e outras), utilizada com veemência por influenciadores e movimentos sociais.

Longe de delimitar a abrangência de cada grupo que compõe esta sigla, Valandro (2024) nos apresenta os possíveis entendimentos para cada letra, em que “L” e “G” correspondem a lésbicas e gays, que são respectivamente mulheres e homens que se atraem por pessoas do mesmo gênero; o “B” refere-se ao termo bissexual e diz respeito a indivíduos que se atraem por mais de um gênero; o “T”, por sua vez, abarca pessoas cuja identidade de gênero é diferente do sexo atribuído ao nascimento, inclui-se também travestis, cuja expressão de gênero está mais associada a pessoas transfemininas; o “Q” refere-se ao termo “*Queer*”, que abrange identidades sexuais e de gênero que não se conformam às normas heterossexuais ou de gênero binário; o “I” envolve pessoas intersexo, que nascem com características sexuais (biológicas, hormonais, cromossômicas, genitais etc.) que não se encaixam nas definições típicas de masculino ou feminino; o “A” se refere a pessoas assexuais, as quais raramente ou nunca experimentam atração sexual; a letra “P”, pansexualⁱⁱ, representa pessoas que são emocional e/ou sexualmente atraídas por outras, independentemente do gênero; o “N”, de pessoas não binárias, concebe uma identidade de gênero que não se encaixa estritamente nas categorias de masculino ou feminino. Por fim, o símbolo “+” indica que há outras identidades e orientações que também fazem parte da comunidade, mas que não estão explicitamente representadas nas letras mencionadas.

As diversas mudanças de nomenclatura ocorridas nas últimas décadas demonstram a luta por visibilidade empreendida por pessoas das mais diversas orientações sexuais e de gênero. Questionamentos acerca de indivíduos que não conseguem se definir em apenas um gênero ou transitam entre eles trouxeram à tona uma infinidade de identidades que ainda estão sendo reconhecidas e inseridas na comunidade LGBTQIAPN+.

Ancorados em Foucault (2001), podemos assentir que o arranjo padrão de heterocisnorma é um artifício utilizado pelas esferas detentoras de poder com o intuito de negar qualquer tipo de manifestação entendida como subversiva ou desafiadora. Nesse contexto, não somente a prática sexual se torna objeto digno de vigília, mas todo e qualquer comportamento que fuja da visão estritamente biológica envolvendo a constituição dos sexos, leia-se, a dualidade envolvendo homem e mulher, que exclui identidades de gênero não binárias e *queer*. Assim, a violência contra pessoas LGBTQIAPN+ se configura como uma ação carregada de símbolos, implicações e linguagens que refletem as estruturas das relações sociais de poder e opressão sexual e de gênero (Peixoto, 2018).

Ainda que a sigla LGBTQIAPN+ seja a mais recente e abrangente, quando abordamos o amplo espectro de violações (socioculturais, econômicas, políticas etc.)



com base em padrões sociais e valores morais relacionados a identidades de gênero e orientações sexuais, o termo LGBTfobia emerge como um conceito amplamente utilizado nos discursos políticos, sociais e midiáticos, sendo, portanto, o termo expressado neste trabalho.

A presente revisão narrativa nasce então da observação de uma notável carência de publicações abordando a temática da LGBTfobia no futebol, conforme constatado em visitas à bases de dados eletrônicas. Dada a magnitude sociocultural deste esporte, revela-se premente compreender e analisar as diversas manifestações de discriminação que persistem neste ambiente tradicionalmente rotulado como "eminente viril".

Portanto, este estudo visa mapear e analisar as produções científicas publicadas em periódicos brasileiros que tematizam a LGBTfobia no futebol, desde suas raízes históricas até suas expressões contemporâneas. O estudo pretende, assim, contribuir para uma compreensão mais abrangente das dinâmicas de discriminação e exclusão no contexto esportivo que permeiam a produção científica, ressaltando a importância de medidas inclusivas e da conscientização para transformar o futebol em um ambiente verdadeiramente diverso e acolhedor.

Metodologia

A presente pesquisa foi desenvolvida a partir de uma revisão narrativa, com caráter descritivo e abordagem qualitativa. Este tipo de investigação destaca-se por seu enfoque qualitativo na descrição e discussão de estudos já realizados sobre um determinado tema, em detrimento da caracterização de variáveis quantitativas (Rother, 2007).

Segundo Rother (2007), a revisão narrativa tem se destacado como uma abordagem essencial nas pesquisas científicas. Isso se deve ao fato de que essa metodologia permite analisar e sintetizar produções anteriores, identificar temas recorrentes, trazer novas perspectivas e contribuir para a consolidação de um campo específico de conhecimento. Adicionalmente, a revisão narrativa também proporciona orientações valiosas para ações interventivas, auxiliando na definição de parâmetros para a formação de profissionais que atuam na área em foco.

Nesse sentido, foi realizada uma busca por artigos científicos na base de dados do Portal de Periódicos da Capes, que consiste em um dos mais extensos repositórios científicos online do país, que compila e oferece acesso a conteúdos produzidos tanto nacionalmente quanto por meio de parcerias com editoras internacionais para instituições de ensino e pesquisa no Brasil. Isto posto, os trabalhos foram selecionados no período de agosto a setembro de 2023, utilizando-se os termos de busca: "futebol"

e “LGBTfobia”/“homofobia”/“lesbofobia”/“transfobia”. Ao todo, foram encontrados 27 resultados.

Utilizamos como critérios de inclusão dos artigos nesta pesquisa o idioma (artigos em português), a disponibilidade do trabalho completo de acesso gratuito e a relação com a temática LGBTfobia e futebol. Sendo assim, foram excluídos cinco artigos repetidos, um artigo em inglês, um artigo de revisão, uma resenha de livro e nove artigos fora do escopo deste estudo. Com isso, dez artigos compuseram o *corpus* de análise da presente pesquisa, os quais estão apresentados no Quadro 1.

Quadro 1: Identificação dos artigos analisados.

	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORIA/ANO	OBJETIVO
1	O futebol no banco dos réus: caso da homofobia.	Marco Bettine Almeida; Alessandro da Silva Soares. 2012.	Discutir algumas questões relacionadas à homofobia no futebol.
2	Torcidas Queer e Livres em Campo: sexualidade e novas práticas discursivas no futebol	Maurício Rodrigues Pinto. 2014.	Apresentar e problematizar algumas relações entre futebol e sexualidade, bem como analisar a articulação dos grupos que se apresentam como torcidas <i>queer</i> e livres e as suas práticas discursivas.
3	O direito em fala: sobre bichas e homens no futebol brasileiro	João Carlos Da Cunha Moura. 2017.	Entender o processo de masculinização no contexto do esporte e analisar os mecanismos de censura da homossexualidade como antagonista do masculino, no espaço futebolístico.
4	Novos “sujeitos-torcedorxs”: trajetórias e estratégias de visibilidade da Galo Queer, Bambi Tricolor e Palmeiras Livre	Mauricio Rodrigues Pinto; Marco Bettine de Almeida. 2018.	Investigar as trajetórias de movimentos de torcedorxs contemporâneos que se posicionam politicamente contrários à homofobia e à misoginia no futebol brasileiro.
5	Bichas, macacos, marias: narrativas de opressão, invisibilidade, preconceito e resistência no futebol	Débora Nascentes Martins; Maria Madalena Silva de Assunção. 2019.	Compreender por que o futebol se tornou um instrumento de opressão das minorias e como ocorrem a inserção, a permanência e o distanciamento dessas minorias do contexto futebolístico.
6	Nas redes é gol: uma análise sobre	Cristiano Max Pereira Pinheiro; Felipe Sperb;	Analisar as publicações da página Grêmio Antifascista no Facebook que tenham relação com o tema da



	homofobia e diversidade de gênero na página Grêmio Antifascista no Facebook	Vanessa Amália Dalpizol Valiati; Pâmela Rafaela de Souza Lima. 2020.	diversidade de gênero e homofobia no futebol
7	A Coligay dentro da pedagogia do torcer	Gustavo Andrada Bandeira; Luiza Aguiar dos Anjos. 2022.	Dialogar com as diferentes perspectivas de leitura sobre a memória da Coligay.
8	Tribuna 77 e a defesa de LGBTQI+ nos estádios	Luiza Aguiar dos Anjos. 2021.	Analisar as ações de gremistas da Tribuna 77 referentes à presença de pessoas LGBTQI+ no futebol e à homofobia.
9	Expressões e corporalidades de mulheres cis e homens trans no ambiente futebolístico	Mariane da Silva Pisani; Maurício Rodrigues Pinto. 2021.	Evidenciar como as estruturas machistas e LGBTfóbicas são vivenciadas por mulheres cisgênero e por pessoas LGBTQI+, mais especificamente por homens trans, durante a prática esportiva futebolística.
10	A Copa do Mundo FIFA 2022 e o flagelo da homofobia	Alessandro Soares da Silva; Gustavo Menon; Renato Barboza. 2022.	Tecer reflexões sobre como uma instituição da envergadura da FIFA tem pautado a homofobia e como as nações que celebram esse megaevento têm encarado o flagelo da homofobia no mundo do futebol.

Fonte: Elaboração dos(as) autores(as).

As produções científicas sobre LGBTfobia e futebol

Dentre os artigos selecionados, observou-se que a autoria provinha de diversas áreas do conhecimento, tais como Psicologia (2), Ciências Sociais (2), Educação Física (2), Relações Públicas (2), Comunicação Social (2), Antropologia (1), História (1), Filosofia (1), Pedagogia (1) e Direito (1). Com relação à vinculação dos autores e autoras, identificamos oito pesquisadores/as da região sudeste, cinco da região sul, um do nordeste e uma do norte do país. Apesar das distintas formações e vinculações, notou-se um processo colaborativo na produção, pois quatro pesquisadores/as estavam presentes na autoria de mais de um artigo.

A Educação Física teve representação de apenas dois autores. Isso pode anunciar que, embora o futebol seja um dos esportes mais estudados na área, os conhecimentos sociológicos ainda são pouco explorados (Medeiros; Santos, 2021). Nessa direção, pode-se entender que a temática da LGBTfobia no futebol se constitui como um campo em aberto e pode ser estudada sob diversas perspectivas.

Quanto aos periódicos em que os artigos foram publicados, identificou-se uma pulverização semelhante às áreas de formação dos autores. Os dez artigos estão

distribuídos em nove periódicos, sendo cinco da região sudeste do Brasil, três da região sul e um do Nordeste. Destaca-se que seis desses trabalhos se caracterizam como pesquisas de campo e quatro como ensaios.

Ao analisarmos o ano de publicação, nota-se que o primeiro artigo foi publicado em 2012. Nos quatro anos seguintes, houve um baixo fluxo de produção, contando apenas com a produção de Pinto (2014). Em contrapartida, entre 2017 e 2022 foram publicados 8 artigos, um a cada ano entre 2017 e 2020 e 2 em cada ano de 2021 e 2022. Essa concentração de publicações pode ser compreendida a partir de alguns fatores, como o crescente debate sobre questões políticas e sociais no campo do futebol e a criação e visibilidade de torcidas antifascistas e *queer* de alguns dos principais times do Brasil a partir de 2013 (Souza, 2020).

Este fato aflui para as temáticas das pesquisas. Após a leitura minuciosa dos textos evidenciou-se três temas recorrentes: as torcidas livres e *queer*, a cis-heteronorma masculina no futebol e as experiências de pessoas LGBTQIAPN+ no futebol. Dentre os trabalhos analisados, cinco deles versavam acerca de torcedores(as) e coletivos que atuam no combate às diversas discriminações no contexto futebolístico, sendo alguns destes associados à comunidade LGBTQIAPN+.

Conforme Pinto e Almeida (2018), a efervescência política que marcou os protestos contra o aumento do custo dos transportes públicos nas “jornadas de junho” de 2013 criou um cenário de transformação social capaz de mobilizar a sociedade brasileira em busca de mudanças. Críticas à corrupção política no Brasil e aos altos custos para a realização da Copa do Mundo de 2014 acabaram predominando nas insatisfações representadas nas ruas.

Diante desse cenário, pessoas não representadas pelos valores e condutas das torcidas organizadas tradicionais se reuniram para possibilitar diferentes representações no ato de torcer. Galo Queer, Cruzeiro Maria, Bambi Tricolor, Palmeiras Livre, Grêmio Queer e Queerlorado são alguns exemplos.

Entretanto, é importante destacar que esse movimento não é uma novidade no Brasil. Desde os anos 1970, pessoas não pertencentes à ordem heteronormativa padrão já se organizavam em grupos para assistir e representar seus clubes do coração, destacando-se as torcidas Coligay e Fla-Gay (Pinto, 2014; Bandeira; Anjos, 2022).

A Coligay é a torcida mais mencionada na amostra de artigos selecionada, sendo citada em pelo menos cinco trabalhos diferentes, mostrando grande importância na inclusão de pessoas gays no ambiente do futebol. Com presença marcante nas arquibancadas do Estádio Olímpico Monumental entre o final da década de 1970 e o início dos anos 1980, torcedores homossexuais gremistas marcaram a história do clube (Bandeira; Anjos, 2022).



O início da torcida foi marcado por extremas dificuldades, envolvendo piadas, xingamentos e até casos de apedrejamento. No entanto, as performances animadas, originais e ininterruptas de seus integrantes legitimaram sua presença no estádio, mesmo em tempos tão difíceis para a comunidade gay no Brasil em decorrência do regime ditatorial militar. O fim da torcida se deu por conta da mudança de cidade de sua principal liderança, Volmar Santos. Contudo, a memória da Coligay foi retomada por meio de livros, um curta-metragem e especialmente pela sua presença no Memorial Hermínio Bittencourt, na Arena do Grêmio, inaugurado em meados de 2016 (Bandeira; Anjos, 2022).

Embora pareça pouco provável que a Coligay pudesse ser mantida por mais tempo, em virtude, sobretudo, da crescente violência das torcidas organizadas, é possível associar o esforço histórico desse coletivo com as recentes iniciativas de torcedores e torcedoras que comungam da paixão por um time com o ativismo político que questiona a primazia cis-heteromasculina no futebol (Bandeira; Anjos, 2022, Pinto; Almeida, 2018).

Pode-se verificar, entre todos os artigos que tratam de torcidas *queer*, um padrão em suas criações: todas se iniciaram com interações cibernéticas de indivíduos com grande interesse pelo futebol e muita dificuldade em se adequar aos espaços dos estádios. Mesmo com diversas possibilidades, a internet não se mostrou um local imune ao preconceito e a violência. Xingamentos e ameaças por parte de rivais e até mesmo torcidas do próprio time fazem parte do cotidiano das pessoas que fazem parte de torcidas *queer* e antifascistas (Pinto; Almeida, 2018; Pinheiro *et al.*, 2020; Bandeira; Anjos, 2022).

“Bambi Tricolor” foi o nome escolhido por uma torcida do São Paulo F.C., referindo-se ao “apelido” usado como principal ofensa por torcedores adversários e amplamente rejeitado pelos são-paulinos. Os criadores foram aconselhados a adotar um nome diferente, como “São Paulo Livre”, que provavelmente lhes traria mais seguidores nas redes sociais e menos problemas relacionados à discriminação. No entanto, decidiram tentar ressignificar o apelido, demonstrando que a associação à homossexualidade não pode ser encarada como um estigma ou ofensa (Pinto; Almeida, 2018).

Integrantes de torcidas organizadas tradicionais tendem a menosprezar a existência de grupos que questionam padrões de gênero e outras discriminações. Em 2013, um diretor da torcida organizada Independente foi convidado pela revista Placar a opinar sobre a ‘Bambi Tricolor’ e proferiu a seguinte afirmação: “Essa torcida não existe, chapa! Não significa nada para nós” (Pinto; Almeida, 2018, p. 114).

Torcidas como Palmeiras Livre e Galo Queer passaram por dificuldades semelhantes, com grande destaque para problemas enfrentados durante o ano de 2016. Criada no ano de 2013, a Galo Queer teve sua página no Facebook excluída sem nenhum tipo de aviso em 2016, perdendo milhares de seguidores e um acervo de publicações. Enquanto isso, integrantes da Palmeiras Livre, torcida palmeirense criada pouco tempo depois da Galo Queer, tiveram seus perfis pessoais expostos após declarar repúdio à presença do então deputado federal e candidato à presidência Jair Bolsonaro em jogo do Palmeiras. Tal acontecimento gerou receio de maiores represálias, afastando temporariamente os integrantes do grupo de acompanhar seu clube do coração no estádio.

A eleição em 2018 de um presidente abertamente contrário à diversidade de gênero e com discursos que atacavam diversos tipos de minorias demonstrou que parte da população brasileira ainda se mostra favorável a ideias retrógradas e discriminatórias, o que causou grande receio às torcidas *queer* e antifascistas. Os artigos de Pinto e Almeida (2018) e Martins e Assunção (2019) citam falas e acontecimentos envolvendo problemas encontrados por essas torcidas devido à popularidade de comportamentos defendidos pelo político na sociedade brasileira.

A gente evita frequentar estádios com camisa do nosso time [Bharbixas], ou alguma coisa que remeta a homossexualidade, a sermos LGBT, porque nós sabemos a hostilidade que acompanha, sobretudo haja vista o último canto do Atlético [O Bolsonaro vai matar veado]. (Entrevistado) (Martins; Assunção, 2019, p. 356).

O crescimento de pautas ligadas à extrema direita no Brasil acendeu a necessidade de resistência e afirmação constante das minorias no país. Com isso, a atuação de torcidas *queer* e antifascistas foi intensificada. Anjos (2021) narra parte da história da Tribuna 77, torcida antifascista gremista amplamente influenciada pela Coligay.

A organização de torcidas antifascistas tende a ser parecida com outras torcidas, sempre apoiando o clube que torcem, porém, com o diferencial de forte alinhamento político-ideológico em ideais voltadas ao pensamento progressista e grande apoio ao fim de ações discriminatórias como racismo, misoginia, machismo e LGBTfobia (Anjos, 2021).

As torcidas *queer* também se inclinam a ideais próximos à esquerda política e lutam contra as mais diversas discriminações, contudo, têm um público integrante mais nichado e focam em ações que garantam os direitos da comunidade LGBTQIAPN+. Pode-se dizer que a constituição mais generalista de público das torcidas antifascistas lhes propicia maior facilidade em adentrar os estádios e arenas



como torcedores atuantes e permanecerem com certa segurança, o que ainda não se mostra possível para torcidas *queer*.

A representação social do estádio de futebol é simbolizada como um contexto cultural específico que consolida, ensina, gera e representa noções de masculinidade. Para Moura (2017), a homofobia ganha legitimidade quando associada às práticas relacionadas ao apoio a times de futebol e no contexto cultural dos estádios as manifestações homofóbicas não são reconhecidas como atos violentos.

Apesar deste cenário, segundo Anjos (2021), pessoas assumidamente gays no campo do futebol brasileiro são vistas apenas nas arquibancadas. Sua argumentação se baseia na premissa de que o preconceito contra homossexuais é tão pulsante a ponto de inviabilizar a carreira de jogadores que desejem se autoafirmar como gays. Em entrevista ao jornal O Estado de São Paulo, no ano de 2010, o jogador do Santos, Paulo Henrique Ganso, afirmou que há gays no futebol, mas que, “graças a Deus”, em seu time não têm: “Em alguns clubes por aí têm, sim. Mas no Santos, graças a Deus, não” (Almeida; Soares, 2012, p. 308).

O ex-jogador Richarlyson talvez tenha sido o jogador brasileiro mais perseguido com ofensas homofóbicas. Durante sua carreira, sempre foi questionado por dirigentes e torcidas, frente à suspeita de ser gay. Em uma ação judicial movida pelo atleta devido a comentários homofóbicos feitos a seu respeito em um programa de TV, a Justiça do Estado de São Paulo rejeitou o requerimento com uma sentença judicial carregada de preconceitos e falhas jurídicas (Almeida; Soares, 2012).

Quem vivenciou grandes orquestras futebolísticas não poderia sonhar em vivenciar um homossexual jogando futebol. Não que um homossexual não possa jogar bola, pois que jogue, querendo, mas forme o seu time e inicie uma Federação. Agende jogos com quem prefira pelejar contra si. [...] Ora bolas, se a moda pega, logo teremos o 'sistema de cotas', forçando o acesso de tantos por agremiação...[...] O que não se mostra razoável é a aceitação de homossexuais no futebol brasileiro, porque prejudicariam a uniformidade do pensamento da equipe, o entrosamento, o equilíbrio, o ideal. (Falas de Manoel Maximiano Junqueira Filho, Juiz de Direito titular da nona vara cível da Comarca de São Paulo) (Amaral, 2007 *apud* Almeida; Soares, 2012, p. 309).

A partir da atuação da comunidade LGBTQIAPN+, o Tribunal de Justiça de São Paulo revisitou o caso e aplicou pena de censura ao juiz, considerando que o magistrado agiu com impropriedade absoluta de linguagem na sentença dada no caso Richarlyson, em julho de 2007 (Almeida; Soares, 2012).

Falas como a do jogador Paulo Henrique Ganso, bem como as situações homofóbicas vivenciadas pelo jogador Richarlyson, refletem alguns valores e atributos inerentes às concepções hegemônicas de masculinidade que são manifestados e

disseminados no futebol, incluindo agressividade, força, competitividade, virilidade, coragem e tolerância à dor. Nesse espaço extremadamente “viril”, a participação de mulheres e pessoas LGBTQIAPN+ é constantemente rechaçada e ameaçada.

Ao analisar a amostra de artigos selecionados, percebe-se a escassez de trabalhos relacionados à lesbofobia e transfobia em perspectivas que vão além da simples conceituação dos termos. Apenas os artigos de Pinto e Almeida (2018) e Pisani e Pinto (2021) abordam perspectivas envolvendo mulheres lésbicas e pessoas transexuais.

Devido à problemática envolvendo a dificuldade de acesso aos espaços de futebol em grandes campeonatos, estádios e arenas no cenário brasileiro, a comunidade LGBTQIAPN+ focou-se nos últimos anos em garantir espaços onde a inclusão e segurança lhes fossem garantidas. *Champions LiGay* e *Jogos da Diversidade*, ambas competições criadas em 2017, são exemplos de iniciativas que objetivam incluir pessoas de diferentes orientações sexuais em um espaço harmônico e acolhedor (Pisani; Pinto, 2021).

Pisani e Pinto (2021) tiveram contato direto com a primeira edição dos Jogos da Diversidade, acompanhando um time de homens trans intitulado Meninos Bons de Bola (MBB), que optaram por disputar a competição na categoria masculina. A equipe terminou como terceira colocada no campeonato, porém, enfrentou experiências de transfobia por parte de jogadores de outros times, demonstrando que, mesmo em um local com a premissa de integração e respeito, ações discriminatórias também se fizeram presentes.

Ao fim da partida, que terminou com a derrota do MBB, mais do que a frustração por isso, jogadores do time revelavam revolta e consternação com o que acontecera, a ponto de alguns saírem da quadra chorando. Passado algum tempo e tendo a possibilidade de conversar com alguns deles, entendi o que havia realmente acontecido: durante a partida, jogadores da equipe adversária se referiram a jogadores do MBB pelo pronome feminino e do banco de reserva da equipe – localizado no lado oposto ao que eu ocupava, assistindo ao jogo – eram dirigidos gritos como “Vai pra cima delas!”, de teor pejorativo e feminizante, usado com alguma frequência por torcidas em estádios de futebol com o propósito de depreciar o time adversário. (Pisani; Pinto, 2021, p. 6).

Em que pese o pioneirismo na organização de competições que buscam promover a inclusão e o acolhimento da diversidade de gênero e sexualidade, parece haver uma tendência de replicação de padrões de masculinidade nesses eventos (Camargo, 2012). Logo, ainda que seus participantes sejam da comunidade LGBTQIAPN+, há uma subjugação de pessoas trans nesses espaços.



Por fim, o trabalho de Silva, Menon e Barboza (2022) analisa o posicionamento da Federação Internacional de Futebol (FIFA) acerca da homofobia. Diante dos esforços empreendidos nos últimos anos para combater discriminações como a LGBTfobia e o machismo, a principal entidade do futebol mundial tomou decisões que podem ser descritas, no mínimo, como controversas. A escolha da FIFA em sediar as edições da Copa do Mundo de 2018 e 2022, respectivamente, em solo russo e catariense, revelou-se uma grave provocação aos direitos humanos.

O Qatar considera a homossexualidade como crime, conforme o artigo 296 de seu código penal. A punição para a homossexualidade se dá por prisão, que varia entre três e cinco anos, e em casos extremos o apedrejamento da pessoa acusada. Mesmo assim, o país faz parte de pelo menos oito tratados internacionais envolvendo a preservação dos direitos humanos (Silva; Menon; Barboza, 2022).

Diversos grupos da sociedade civil em diferentes localidades uniram-se contra a escolha do país árabe como sede do evento, ação que não resultou em nenhuma mudança concreta. O Qatar comprometeu-se a proteger a integridade dos turistas, independentemente de credo, orientação sexual e nacionalidade, desde que demonstrações de afeto não ocorressem em locais públicos, em respeito às tradições locais (Silva; Menon; Barboza, 2022).

Capitães de oito seleções europeias decidiram protestar contra os crimes perpetrados no país. A intenção era que os jogadores utilizassem braçadeiras com as cores do arco-íris. No entanto, por meio do artigo 13.8.1, referente ao regulamento de equipamentos, a ideia foi barrada pela FIFA, com a alegação de que a braçadeira só poderia ser usada por um jogador de cada time, o capitão, e que esse equipamento deveria estar em conformidade com a padronização imposta pela entidade (Silva; Menon; Barboza, 2022).

Um megaevento do porte da Copa do Mundo não pode ser tratado apenas como uma competição esportiva entre nações. Não se atentar para questões envolvendo política, direito e igualdade consiste num grave equívoco, capaz de legitimar decisões antidemocráticas, totalmente deletérias à dignidade humana. Todavia, podemos perceber a partir da última Copa do Mundo masculina que, apesar de poucos atletas no contexto global assumirem-se gays, alguns jogadores parecem respeitar e defender a diversidade de gênero dentro e fora dos campos. Este fato, associado ao crescente número de torcidas *queer*, demonstram um certo avanço no âmbito futebolístico.

Considerações finais

A partir deste estudo identificamos que as produções científicas que abordam a LGBTfobia, ainda são escassas, indicando um campo de conhecimento pouco explorado e que abarca diversas possibilidades de investigação.

A emergência das torcidas *queer* e antifascistas converge com a disseminação das redes sociais como um espaço de conexão e de ativismo, congregando pessoas que, historicamente e socialmente, foram repulsadas dos estádios de futebol. Porém, o ambiente virtual não se mostrou um local imune ao preconceito e a violência de gênero. De todo modo, essas torcidas contribuem para uma mudança gradual na percepção da comunidade LGBTQIAPN+ nos esportes, em especial no futebol, e têm lutado para criar ambientes mais inclusivos e acolhedores para todos os torcedores e torcedoras.

Por sua vez, os estudos analisados demonstraram que ainda que inseridos em competições que buscam incluir pessoas LGBTQIAPN+, as pessoas transgênero têm a sua identidade questionada e são insultadas, sobretudo quando estão jogando melhor que o time adversário.

Discriminações como machismo, LGBTfobia e racismo parecem estar impregnadas no futebol e tornam-se um fator limitante à adesão de minorias à modalidade. Comportamentos em locais públicos geralmente transmitem mais do que uma representação de imposição de regras. Em geral, é possível perceber que certos locais, como estádios de futebol, podem ser espaços de colapso da ordem pública, onde os atos praticados, por mais nefastos que sejam, perdem a sua impropriedade, sendo até mesmo legitimados em alguns casos.

Tornar o futebol mais inclusivo para pessoas LGBTQIAPN+ envolve uma abordagem abrangente que aborde diferentes aspectos do esporte, da cultura do futebol e da própria infraestrutura esportiva. À medida que iniciativas inclusivas e respeitadas em relação à diversidade de identidades de gênero e orientações sexuais ocorrem, as pessoas LGBTQIAPN+ se sentem mais encorajadas a participar e se engajar no campo futebolístico.

Referências

ALMEIDA, Marco Bettine de; SOARES, Alessandro da Silva. Futebol no banco dos réus: o caso da homofobia. **Movimento**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 301–321, 2012. DOI: 10.22456/1982-8918.20826. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/20826>. Acesso em: 21 jul. 2024.

ANJOS, Luiza Aguiar dos. Tribuna 77 e a defesa de LGBTQI+ nos estádios. **Revista Estudos Feministas**, 2021. DOI: 10.1590/1806-9584-2021v29n279318.



BANDEIRA, Gustavo Andrada; ANJOS, Luiza Aguiar dos. Coligay dentro da pedagogia do torcer. **Revista Desenvolvimento Social**, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 8–29, 2022. DOI: 10.46551/issn2179-6807v28n1p8-29.

CAMARGO, Wagner Xavier de. **Circulando entre práticas esportivas e sexuais: etnografia em competições mundiais esportivas LGBTs**. 2012. Doutorado (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil, 2012.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins. De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, n. 3, p. 54-81, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: A vontade de saber**. v. 1. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

MARTINS, Débora Nascentes; ASSUNÇÃO, Maria Madalena Silva de. Bichas, macacos, mairas: narrativas de opressão, invisibilidade, preconceito e resistência no futebol. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 4, n. 7, p. 342-364, 2019.

MEDEIROS, Ana Gabriela Alves; SANTOS, Doiara Silva dos. O conhecimento sociológico nos cursos de Educação Física de universidades federais brasileiras. In: SOUZA, L. M. V. (Org). **Educação Física e Ciências do Esporte: pesquisa e aplicação de seus resultados** 2. Ponta Grossa: Atena, 2021, p. 46-57.

MOURA, João Carlos da Cunha. O direito em fala: sobre bichas e homens no futebol brasileiro. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 17, n. 198, p. 70-79, 2017.

PEIXOTO, Valdenízia Bento. Violência contra LGBTs no Brasil: premissas históricas da violação no Brasil. **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 1, n. 10, p. 7–23, 2018. DOI: 10.9771/peri.v1i10.28014.

PINHEIRO, Cristiano Max Pereira; SPERB, Felipe; VALIATI, Vanessa Amália Dalpizol; LIMA, Pâmela Rafaela de Souza. Nas redes é gol: uma análise sobre homofobia e diversidade de gênero na página Grêmio Antifascista no Facebook. **Biblionline**, João Pessoa, v. 16, n. 2, p. 29-40, 2020.

PINTO, Maurício Rodrigues, ALMEIDA, Marco Bettine de. As torcidas *queer* em campo: a emergência de grupos que questionam a homofobia e o machismo no futebol. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 105–116, 2014.

PINTO, Maurício Rodrigues, ALMEIDA, Marco Bettine de. Novos “sujeitos-torcedorxs”: trajetórias e estratégias de visibilidade da Galo Queer, Bambi Tricolor e Palmeiras Livre. **Mosaico**, v. 9, n. 14, p. 105-124, 2018.

PINTO, Maurício Rodrigues. Torcidas queer e livres em campo: sexualidade e novas práticas discursivas no futebol. **Ponto Urbe**, São Paulo, Brasil, v. 14, p. 1–12, 2014. DOI: 10.11606/xppna873.

PISANI, Mariane da Silva; PINTO, Maurício Rodrigues. Expressões e corporalidades de mulheres cis e homens trans no ambiente futebolístico. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, n. 2, p. e79331, 2021.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão Sistemática x Revisão Narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, [s. l.], v. 20, n. 2, 2007.

SILVA, Alessandro Soares da; MENON, Gustavo; BARBOZA, Renato. A Copa do Mundo FIFA 2022 e o flagelo da homofobia. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, Brasil, v. 42, p. e203142, 2022. DOI: 10.11606/eISSN.2236-2878.rdg.2022.203142.

SOUZA, Daniel Cerdeira de. Homofobia no futebol masculino: revisão narrativa de literatura. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, Brasil, v. 9, n. 2, p. 222–231, 2020.

VALANDRO, Jean Michel. **Narrativas da dissidência**: problematizações de elementos formadores da subjetividade de docentes LGBTQIAPN+. 2024. 98 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, 2024.

Recebido em: 01/12/2023

Aprovado em: 12/05/2024

Publicado em: 31/08/2024

ⁱ Compreendemos que o termo LGBTfobia abrange os diversos tipos de preconceitos, discriminações e violências contra pessoas LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros, *Queer*, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não Binários e outras).

ⁱⁱ “Há quem diga que pansexual é a forma contemporânea de referir-se à bissexualidade, como se este primeiro fosse uma atualização do segundo, mas também há quem defenda que a diferença principal entre bissexuais e pansexuais é que os primeiros não sentiriam atração por pessoas transgênero e não binárias, enquanto os pansexuais sim” (Valandro, 2024, p. 14).

